

1a. PARTE — ESTUDOS

JOSÉ GIL AMORA

Manoel Albano Amora

Na chácara da rua Dom Pedro, da minha bisavó, bem no centro da cidade, havia aquele homem alto, magro e vestido de preto

Conheci-o nos meus cinco anos de idade e dele guardo algumas lembranças.

Via-o, às vezes, no pomar do prédio, passando, e outras vezes no fundo do sítio, à tarde, sentado na relva, perto do córrego.

A tardinha, dirigia-se ao jardim do lado esquerdo, vendo a passagem do bonde, e desenhando na parede, a lápis, animais e paisagens.

Certo dia, estive na casa de meu pai, seu irmão, em companhia de um primo, Humberto. Estava com a roupa e os sapatos molhados, pois dormira em um banco da Praça do Ferreira e a chuva noturna o atingira.

Ainda uma vez, presenciei o seu “jantar”, que se constituiu de algumas pimentas, esmagadas por ele para depois levá-las à boca.

Depois, na tarde de 13 de abril de 1920, contemplei-o na sala cheia de retratos, jarros e espelhos, em um ataúde, cercado de pessoas da família e dos melhores parentes e amigos.

No corredor, sua mãe e sua avó materna se abraçavam, chorando.

O carro fúnebre, cheio de coroas e flores, seguido de automóveis, passou pela velha praça, deixando atônito Mário Linhares, só então tomando conhecimento do triste evento. Diri-

gia-se à **gare** da estação central da Rede de Viação Cearense, para dali ter como destino final o Cemitério de Parangaba, onde o pai, avô e tios do morto dormiam o último sono.

Quem era o senhor esquisito, cujos dias derradeiros foram assim, de desgosto e desespero?

Era o Amorinha, meu tio. José Albano Amora, seu nome civil. José Gil Amora e, freqüentemente, Gil Amora, no plano literário.

Filho de Gil Amora, bacharel, advogado, jornalista e escritor, e de Maria Albano Amora, nascera nesta Capital, na rua da Boa Vista, no dia 18 de fevereiro de 1883.

O genitor faleceu, subitamente, em 1888. Amorinha e os irmãos, Carlos e Maria (Micota), passaram a residir com os avós Manoel Albano e Maria Theophilo Albano. Foram estes desveladíssimos com os netos.

Freqüentou Amorinha o Colégio Diocesano, do Padre Liberato Dionísio da Costa, com bom aproveitamento, e depois o glorioso Liceu do Ceará. No Colégio e no Liceu foi um aluno muito espirituoso e brincalhão.

Cedo, com o Carlos, passou a trabalhar na Farmácia Albano, do tio Antônio Albano. Não cursou escolas superiores, continuando na Farmácia, como seu guarda-livros. Mas foi um constante leitor dos grandes autores, nacionais e estrangeiros.

Pretendeu tornar-se funcionário público, submetendo-se a concurso para a Delegacia Fiscal, recebendo boa nota em português e sendo reprovado em aritmética pelo seu professor particular dessa matéria. Daí lhe adveio grande mágoa, que o acompanharia pelo resto da vida.

Cercavam-no um grupo jovem de literatos e boêmios Gustavo Barroso, Mário Linhares, Genuíno de Castro, Josias Goiana, Luís de Castro, Carlos Severo, Paula Barros, Antônio Rodrigues, Ramos Cotôco, Raul Uchoa, Liberato Nogueira, Tibúrcio Brígido, Luís de França Ferreira, Diógenes Vasconcelos, dentre outros.

Serenatas, festas nas **areias** da Fortaleza antiga, passeios de bondes, conversas em barbearia e na Praça do Ferreira,

cervejadas no Café Benfica e nos botequins do Beco das Trincheiras com alguns desses companheiros, o empolgaram a final.

O talento e o pendor literário lhe chegariam logo como uma herança paterna. Cronista, contista e poeta ele se tornaria, naturalmente.

Da Farmácia Albano, com Gustavo Barroso e Mário Linhares, fez o seu escritório, onde muitos trabalhos vieram a ser elaborados ou ultimados. Aquele estabelecimento farmacêutico foi a redação do **O Garoto**, jornal crítico que editou com o notável autor de **Terra de Sol**. O pequeno órgão de imprensa farpejava pessoas da maior evidência da sociedade local. Era ilustrado com caricaturas que os dois colegas preparavam, fazendo os **clichês** a canivete, servindo-se da casca de cajazeira.

Com Genuíno de Castro, Josias Goiana e João Catunda fundou a **Ceará-Revista**, uma das melhores publicações, no gênero, já aparecidas no Ceará. Rica de matéria literária e também ilustrada, de ótima feição.

Na **Ceará-Revista** brilhou a inteligência privilegiada do Amorinha, com as suas **À Guisa de Crônica**, em cada número, síntese da vida social, literária e boêmia fortalezense nos anos de 1911 a 1913. São de grande valor para a história. Há ali páginas antológicas, como a relativa ao carnaval na Praça do Ferreira e a que tem como título "Declaração Amorosa de um prático de farmácia". Também nesse periódico figuram, de sua lavra, os **Contos Efêmeros**, de grande sabor humorístico, e as caricaturas de personalidades e de fatos da cidade.

Colaborou na **A Jangada**, na **Fênix** e no **Correio do Ceará**, publicando neste os seus **Poemas de Maio**, em prosa; de louvor à Virgem Santíssima.

Referem Gustavo Barroso e Mário Linhares que Amorinha escreveu um conto terrífico, talvez inspirado no poema de Byron, **As Trevas**. Leu-o para Gustavo, na Praça Marquês do Herival, rasgando-o em seguida.

Era um ultra-romântico, como Álvares de Azevedo. Entretanto, para não chorar, fazia rir aos outros.

Nos anos de sua vida pública, teve três grandes paixões: pela filha de um industrial da já então rua Floriano Peixoto, por Ade'aide Farias de Oliveira e, de modo especial, por Maria de França Ferreira. Essa foi a sua grande musa. A ela se referia sempre nos seus escritos, embora nunca tivesse havido uma aproximação, uma conversa a dois. As caricaturas que publicou sempre traziam um **M** de Maria. E Maria, Nossa Senhora, era a Santa da sua devoção. A sua lira, brindou as letras pátrias com o belo soneto

MARIA

Doce nome! Maria! que ternura
Cinco letras encerra! Que magia
Que das almas penetra na espessura
E entoa um hino ao nome teu, Maria!

Corolário de bênçãos à mistura
Com um doce misticismo que extasia,
Minh'alma freme quando alguém murmura,
Como uma prece o nome teu, Maria!

Nome que a lenda do passado canta
Na fé cristã — como divina e santa
E doce Mãe do redentor do mundo;

Do teu sagrado olhar me prende o lume
Que toda a minha crença se resume
Na luz divina desse olhar profundo!

Compôs também

DE BRANCO

Toda de branco, como a vi parece
Na sua de jasmim celeste alvura
Dos céus um anjo que, fugaz, viesse
Espairecer na terra, a graça pura.

Como o sidéreo azul, quando anoitece,
Dos fulgores semeia a alta planura;
Assim, esta alma quando ela aparece
É como astros luzindo em noite escura.

Ó mulher divinal, meiga e formosa!
Que me fazes lembrar a nívea rosa
Que as pétalas desata à luz do dia:

Canta em minh'alma como um passarinho!
Tua voz embriaga mais que o vinho,
Deixa que eu morra ao som dessa harmonia...

A derrota no concurso marcara muito os seus dias, que foram tormentosos. O álcool veio a ser o seu vício de boêmio. Esquecia o verso do aedo, segundo o qual, para se fugir de um tormento, cria-se um tormento maior. Consolava-se, porém, com o amor à Virgem Maria e a paixão pela moça Maria de França.

O seu espólio literário não é pequeno e é valioso.

Esse o José Gil Amora homem de letras, ou Gil Amora, o Moço, no dizer de Luís de Castro.

O amigo Gustavo Barroso dele disse: Foi o maior talento da minha geração.